

O TEOR SATÍRICO NA OBRA DE LEANDRO GOMES DE BARROS: UM ESTUDO SÓCIO-HISTÓRICO DO FOLHETO “O SOLDADO JOGADOR”

Leidiane Faustino Lima*

Júlia Neves Gonçalves*

Saionara Ferreira Alves*

José Hélder Pinheiro Alves*

RESUMO: A representação dos acontecimentos históricos e condição social de determinados grupos é uma das temáticas mais importantes da Literatura de Cordel. O poeta popular possui a capacidade de representar o povo e as classes mais humildes. O poeta Leandro Gomes de Barros se apresenta como um dos nomes mais conhecidos no tocante à Literatura Popular e é também pioneiro em representar em sua poesia os problemas e queixas do povo, bem como a esperteza que o pobre tem para conseguir se sobressair a essa condição. Dessa forma, nesta pesquisa, fizemos uma apresentação sucinta da vida e obra do poeta, buscando destacar os temas que se fazem mais presente em seu acervo e, a seguir, nos voltamos para uma análise mais detida do seu folheto “O soldado jogador”. Nosso trabalho está embasado nas concepções de Abreu (1999) sobre narrativas de folheto, de Severo (2013), quanto ao poeta e seu contexto, e Curran (1986), quanto a sátira e crítica social, presente na Literatura de Cordel, também Norma (1994) sobre os níveis de análise técnica do poema. Serão analisados a condição social retratada no folheto e o contexto histórico em que se passa a narrativa. Os procedimentos metodológicos de análise seguiram o seguinte percurso: seleção de recortes textuais que referenciam o personagem central do folheto na sociedade. Concluímos que Leandro Gomes de Barros utiliza-se de uma linguagem simples, e num tom crítico, satiriza o vínculo da Igreja com o Estado. Outro aspecto destacado é a astúcia do pobre em criar saídas para se livrar de situações sociais adversas.

PALAVRAS-CHAVES: LEANDRO GOMES DE BARROS. LITERATURA DE CORDEL. SÁTIRA.

THE SATIRICAL CONTENT IN THE WORK OF LEANDRO GOMES DE BARROS: A STUDY OF SOCIO-HISTORICAL BOOKLET "PLAYER SOLDIER"

ABSTRACT: The representation of the historical events and social condition of certain groups is one of the most important themes of Cordel Literature. The popular poet has the

ability to represent the people and the humbler classes. The poet Leandro Gomes de Barros presents himself as one of the best known names in relation to the People's Literature and he is also a pioneer in his poetry to represent the problems and complains of the people, as well as the cleverness that the poor has to get excel to that condition. Thus, in this research, we made a brief presentation of the life and work of the poet, seeking to highlight the themes that are most present in his collection, and then, we turn to a more detailed analysis of his pamphlet "The soldier player." Our work is grounded in Abreu's conceptions (1999) about narrative brochure, by Severus (2013), about the poet and his background, and Curran (1986), as satire and social criticism present in Cordel Literature, also Norma (1994) about the levels of technical analysis of the poem. The social condition depicted in the booklet and the historical context in which the narrative is going to be examined. The methodological analysis procedures followed the following route: selection of text clippings referencing the central character of the booklet in society. We conclude that Leandro Gomes de Barros makes use of simple language and in a critical tone, satirizes the bond of church and state. Another aspect to be highlighted is the cunning of the poor in creating outlets to get rid of adverse social situations.

KEYWORDS: Leandro Gomes de Barros. Cordel literature. Satire.¹

¹ * UFCG, Campina Grande, Graduanda em Letras, Leidiane.fl@hotmail.com

* UFCG, Campina Grande, Graduanda em Letras, julianeveddc@hotmail.com

*UFCG, Campina Grande, Graduanda em Letras, saionara.ferreiraalves@hotmail.com

*UFCG, Campina Grande Professor da UFCG, helderpin@uol.com.br

Introdução

A Literatura de Cordel está ligada a vários vieses da cultura, como os romances, o heroico, o maravilhoso, o religioso, ou moral, o histórico e o amoroso. Entre as temáticas mais importantes encontramos a representação dos acontecimentos históricos e condição social de determinados grupos. Por ser uma manifestação popular, que tem como ponto forte sua origem no discurso oral, além de ser um gênero escrito na mesma linguagem utilizada pelo povo, faz com que o público leitor se identifique com as tramas e por consequência tenham uma receptividade calorosa aos folhetos impressos.

Entre os poetas que possui a capacidade de representar o povo e as classes mais humildes se destaca Leandro Gomes de Barros. Devido a grande quantidade de folhetos publicados Leandro se tornou um dos nomes mais conhecidos na Literatura de Cordel e, também devido ao seu talento em representar em sua poesia os problemas e queixas do povo, bem como a esperteza que o pobre tem para conseguir se sobressair a essa condição. Devido a esses fatos escolhemos um dos seus cordéis intitulado “O soldado Jogador e três quengos finos” que representar em sua trama tanto essa questão da sátira contra a religião, também sobre os jogos e a condição social.

Diante essas informações, esse estudo se deteve a uma pesquisa de natureza bibliográfica como o objetivo de analisar a condição social retratada no folheto e o contexto histórico em que se passa a narrativa. Para isso, selecionamos recortes textuais que referenciam o personagem central do folheto na sociedade.

A escolha do cordel “O soldado jogador não se deu de forma aleatória mas sim, por contatar claramente que nessa literatura tida também como entretenimento, igualmente é informação, por forma de denúncia que envolve a classe oprimida e excluída, ou seja, é uma forma em que o poeta encontrou para representar a realidade sem perder o tom humorístico.

A nossa pesquisa está organizada da seguinte maneira, além dessa Introdução, temos os Pressupostos Teóricos que apresentam o poeta Leandro Gomes de Barros e situa historicamente o contexto de escrita do autor; a Análise do cordel e por fim as Considerações Finais e as Referências que nos deram aporte para a realização dessa pesquisa.

1. Conhecendo o autor: Leandro Gomes de Barros

Leandro Gomes de Barros era um cordelista com uma estatura baixa, grosso, de olhos claros, o bigodão espesso, cabeça redonda, meio corcovado, risonho contador de anedotas, tendo a fala cantada e lenta do nortista, parecia mais um fazendeiro que um poeta, pleno de alegria, de graça e de oportunidade assim o retrata Cascudo (2005).

O Cordelista Leandro Gomes de Barros nasceu na Paraíba no ano de 1868 e faleceu viajando pelo Nordeste em 1918, sua vida foi dedicada exclusivamente para escrever versos populares inventando desafios ao meio dos cantadores, arquitetou romances, narrando as aventuras de Antônio Silvino, comentando fatos e fazendo sátiras. Ele é responsável por 80% da glória dos cantadores atuais, por ter sido sempre fecundo, original e espirituoso, chegou a publicar cerca de dez mil folhetos, tirando deles dez mil edições.

Ainda é o mais lido de todos os escritores populares, escreveu para sertanejos, matutos, cantadores, cangaceiros, almocreves comboieiros, feirantes e vaqueiros, seus cordéis são lidos nas feiras, nas fazendas, sob as oiticicas nas horas do “rancho”, no oitão das casas pobres, soletrado com amor e admirado com fanatismo.

Diante desse reconhecimento seus folhetos, histórias românticas em versos, podemos citar diversos temas como: “O boi misterioso”, “O dinheiro”, “ Uma viagem ao céu”, “O divórcio da lagartixa”, “A vida e testamento de Cancão de Fogo”, “O cavalo que defecava dinheiro”, entre outros, que constituem uma literatura indispensável para os olhos sertanejos do Nordeste. Alguns de seus temas que se sobressaem pela propriedade de dialogar com o contexto social.

Não se sabe verdadeiramente se ele chegou a medir-se com algum cantador. O que se sabe, segundo Abreu (1999), é que Leandro Gomes de Barros se destacou pelo número considerado de folhetos produzidos, e também provavelmente foi o responsável pelo início da produção sistemática desses folhetos na sua própria gráfica, por volta de 1893.

Se um dia fizerem a colheita do folclore poético, reaparecerá o humilde Leandro Gomes de Barro, vivendo de fazer versos, espalhando uma onda sonora de entusiasmo e de angústia na face triste do sertão.

2. A sátira utilizada na literatura popular

Entre os mais variados temas presente na Literatura de Cordel, um dos mais interessantes é aqueles que contem observação ou comentários sociais. Segundo Curran (1986) esse aspecto

se dá pelo fato de o poeta popular possuir o talento de narrar e comentar acontecimentos históricos de sua época. Visto ter uma ligação estreita com o povo, o poeta popular se torna porta voz do povo, por representar e comentar seus problemas, tradição cultural e condição social.

Desse modo, o poeta popular não deixa de discutir os problemas sociais, tem por direito reclamar as injustiças e sente por obrigação buscar a realidade do momento à sua obra. Não podemos confundir o poeta-comentarista social com um simples repórter, o poeta deixa claro seu caráter estético além de um estilo definido. O poeta se distingue por meio de várias formas de sátira: o sarcasmo, a ironia, a paródia, a imitação e o exagero, o talento de se utilizar desses aspectos a favor da literatura, além de tudo adicionado de humor, é o que distingue de um simples comentarista. Assim, se julga o comentário social como uma das funções trazendo grande contribuição à Literatura de Cordel.

Sobre essa sátira utilizada pelo poeta popular Curran (op.cit) nos explica:

Extensão dos temas comentados pelo poeta folclórico: as histórias da cachaça e do jogo do bicho; a moralidade da época vista nas minissaias ou no cabelo comprido; os intermináveis problemas dos sertanejos e matutos; as proezas dos cangaceiros do século vinte; a política e governo; acontecimentos atuais de interesse corrente, e outros temas. Uma vez que o povo do Nordeste conta com os folhetos da Literatura Cordel como fonte de informação, espécie de jornal do povo e de diversão pode-se ver o que interessa ao nordestino em assuntos da vida diária, e ainda conseguir certo conhecimento das suas preferências culturais. (Curran, 1986, 315.)

Desse modo, a sátira pode estar presente em todos os temas da Literatura de Cordel: o heroico, o maravilhoso, o religioso, ou moral, o histórico e o amoroso. Na poesia de Leandro Gomes de Barros não seria diferente, a sátira está presente nos seus mais variados folhetos, destacaremos dois temas especificamente – os jogos e a religião.

Segundo Curran (op.cit.) os jogos são apresentados no folheto como o anti-herói que representa uma chance do pobre melhorar sua sorte e sua vida financeira. Embora seja considerado por muitos como vício, nos versos de Leandro são tratados com humor além de ser praticado por todos, aproveita esse fato para satirizar todas as classes, inclusive o clero, por jogar. Desse modo o poeta faz uma louvação para algo que é considerado vício para sociedade. Essa atitude se apresenta como de defesa aos interesses do povo, enquanto a sociedade condena nos versos de Leandro os jogos além de diversão são também esperança de uma vida melhor.

Quanto a religião Leandro se utiliza da sátira contra a cobiça e corrupção do clero, por outro lado fala também contra as novas-seitas, e protestantes que surgiam na época em que o

poeta escrevia. A ironia é o ponto mais importante da sátira nessa categoria unindo o talento poético e comentários críticos da sociedade da época.

3. Contexto histórico

No tocante as temáticas presentes na poesia de Leandro Gomes de Barros, notamos o quão é evidente a preocupação do poeta em deixar as classes populares informadas sobre o funcionamento do sistema político da época, seja através da paródia ou da sátira, o que importava era trazer à tona essas questões de maneira a serem facilmente compreendidas por seus leitores.

Partindo desse pressuposto, através do discurso presente no cordel “O soldado jogador”, faremos uma apresentação do contexto sócio-político entre os anos de 1889-1930, período correspondente à Primeira República, regime este visto como um momento de grandes reviravoltas sociais, políticas e econômicas, no qual o poeta não enxerga nenhuma melhoria para a população e passa a criticar abertamente tanto os governantes, quanto seus representantes, posicionando-se claramente contra o novo regime.

O painel traçado pelo poético é bastante eficaz para o entendimento das relações de poder e dos fatos, que realmente compunham a história daquele período, assim nada passava despercebido, inclusive a relação de poder da igreja católica sobre o Estado. Em Leandro a religiosidade não adquire contornos de devoção e sim de áspera crítica e nesses poemas, ela está aliada com a Política através da atuação dos padres e das imposições da Igreja.

Apesar de no Brasil, a separação entre o clero e o Estado ter se dado com a constituição de 1891, vários eclesiásticos se empenharam na tentativa de reverter à situação política da Igreja Católica, dessa forma surge o conceito de “Neocristandade”, que tinha o apoio de intelectuais e religiosos e estava baseada na proposta de reconduzir a Igreja romana à posição de colaboradora com o Estado na manutenção da ordem social. Segundo os membros da Igreja, as doutrinas religiosas seriam importantes para a construção da ordem social nos diversos lugares de atuação do clero.

A fase da neocristandade, dentre outras características, pode ser analisada como período em que a igreja católica redefiniu seu papel social e político ao fazer a intermediação entre o Estado e a sociedade. Com este posicionamento, a Igreja manteve uma relação de proximidade com o Estado, com as denominadas “classes dirigentes”, além de apresentar um ideário sobre as relações sociais, as quais deviam ser regidas por princípios católicos num

esforço de re-cristianização da sociedade. Seu intuito era de construir uma (neo) Cristandade, em que, por vezes, terminou por relacionar catolicidade com cidadania e por constituir uma comunidade marcada pelos valores disciplinares do religiosos.

Segundo Riolando Azzi (1994), o pensamento neocristão da igreja católica no Brasil foi predominante entre 1920 a 1960. Um dos principais objetivos que a Igreja pretendia alcançar com a Reforma era a sua liberdade nos assuntos religiosos, ou seja, afastar a intervenção do Estado, com o intuito de fortalecer a instituição eclesiástica. Nesse período, a igreja católica estava sob proteção do Padroado, que conferia ao Estado todos os direitos de intervir na organização da Igreja, a qual era considerada, pelo governo, como um departamento do Estado.

Os tradicionalistas queriam, com a reforma católica, constituir um poder hierárquico mais fortalecido, contudo não dispensavam a proteção do Estado como base para a consolidação da fé católica em todo o Império. Pretendiam, assim, estabelecer uma união entre os poderes eclesiásticos e civis. Nessa perspectiva, a religião católica teria funções sociais e políticas, que iriam auxiliar na legitimidade do Estado, de modo que se tornaria o sustentáculo do Trono, e o seu papel seria o de defender o poder estatal. Este por sua vez, também defenderia a Igreja, formando uma relação. Um outro aspecto seria apresentar o catolicismo como um incremento da ordem social, em que a religião seria um elemento estabelecedor da ordem vigente no país e do caráter sólido dos vínculos sociais.

E o último aspecto defendido pelos tradicionalistas era o de apresentar a religião como “freio moral”, tendo os princípios católicos como freios para conter o surgimento de revoltas sociais, que levariam à desorganização da sociedade. Em resumo, a ordem seria garantida através da doutrina católica, que direcionaria para a obediência e subordinação dos poderes determinados e na condenação dos que se mostrassem contrários ou arredios ao modelo imposto.

Dessa forma, esse pensamento neocristão, segundo Azzi (1994), foi, entre 1920 a 1960, predominantemente, pois nesse período a igreja tinha consciência de si como uma sociedade hierárquica, que deveria se impor na sociedade mediante a colaboração do Estado. Este último teria que fornecer legitimidade oficial à instituição eclesiástica. Com relação à sua intervenção na sociedade, a Igreja elegeu a classe média como sua base sustentadora e, desta forma, para adequá-la à posição eclesiástica neocristã, usou de associações piedosas e associações de leigos, como a Ação Católica. Deste modo, o protagonismo da religião católica no Brasil

estava nas mãos da hierarquia eclesiástica, mesmo que vez ou outra, se utilizasse dos institutos leigos para promover uma maior organização estrutural da igreja católica brasileira.

4. Análise

4.1 O folheto: enredo, personagens, temas

O folheto “O soldado jogador” narra a história de um soldado francês, chamado Ricarte, que costumava jogar cartas. Esse soldado não tendo recebido seu soldo (salário) resolveu tentar a sorte num jogo de baralho. No entanto, na época em que vivia os militares – segundo dados do folheto - eram obrigados a prestar devoção à Igreja Católica, sendo-lhe assim imposta sua presença à missa. Chegando à missa resolve fazer o jogo ali mesmo e acaba sendo preso por um sargento por praticar jogatina, visto ser uma prática condenada pela Igreja. Ricarte resolve então usar de esperteza justificando que usa o baralho porque seu salário é pouco e inverte a função do baralho usado agora como livro de reza. Explica então como faz sua reza a partir do baralho, usando cada símbolo das cartas como que representando uma doutrina católica. E é por sua esperteza que, Ricarte é recompensado e promovido a sargento. Os personagens são:

Protagonista: Ricarte o soldado jogador

O soldado que o obriga a ir a missa e o prende por jogo

O comandante que sobe Ricarte de patente.

Situação inicial: Apresentação do personagem

*Era um soldado francez
Que de chamava Ricarte
Jogador de profissão
E nunca foi n'uma parte
Que não trouxesse no bolço
O resultado da arte.
(Gomes, data desconhecida, 2.)*

Observamos então que Ricarte cultivava o hábito de jogar e sempre ganhava nas suas apostas, por isso resolve conseguir dinheiro com um novo jogo mesmo que seja dentro da Igreja.

Quebra da situação inicial: quando Ricarte é flagrado fazendo jogo na Igreja

Não viu que tinha atrás dele

*Um sargento ajoelhado
E ali observou
Tudo que tinha passado
E disse: - Depois da missa
Você está preso soldado!*
(Gomes, data desconhecida, 3.)

Na poesia do jogo, este chega a representar um anti-herói, pois simboliza para o pobre uma oportunidade de ficar próspero e de contar com a sorte para se livrar da situação social adversa.

*Um dia faltou-lhe o soldo
Poz-se Ricarte a pensar,
Onde podia haver jogo
Que ele pudesse jogar
Era domingo e a missa,
Não havia de tardar.*

*Ricarte foi para a missa
Com grande constrangimento
Era obrigado a cumprir
A lei de seu regimento
Mas não podia afastar,
O jogo do pensamento.*
(Gomes, data desconhecida, 2.)

Então, o jogo foi, e ainda é, considerado por muitos um vício. No entanto, no verso de Leandro o jogo é um meio de ajudar o povo sem esperança. O personagem Ricarte se encontrava sem seu salário, era obrigado a ir a missa, e o vício pela esperança de tentar a sorte e ganhar dinheiro. Demonstrando assim, que o poeta popular defende os interesses do povo visto que, naquela situação o jogo passava de diversão para meio de se ter uma vida melhor.

A situação social representada por Leandro é de um soldado que encontra o jogo como esperança de melhorar sua situação financeira. E também, embora a literatura não seja realística, mas por vezes os acontecimentos da sociedade em que o poeta vive é refletido em suas tramas. Nesse caso, Leandro também representa a época em que a Igreja juntamente com o Estado se opunha à liberdade pessoal. Nesse caso:

*Que motivo tem você
Sabendo que é proibido,
Ignora que o jogo
No exército é abolido?
Disse o soldado: meu jogo
Muda muito de sentido;*
(Gomes, data desconhecida, 3.)

O poeta tal qual defensor do povo critica o fato da sociedade infligir proibições que limitam a liberdade.

Clímax: quando o comandante pergunta pela carta não mencionada por Ricarte.

*Então disse o comandante
Em todas as cartas falasses
Te esqueceste do Valete
Foi porque não lembrasses
Não é também uma carta
Porque não representasses?*
(Gomes, data desconhecida, 4.)

Nesse momento o comandante tenta surpreender Ricarte por indaga-lo porque esqueceu uma das cartas. Caso Ricarte não soubesse responde-lo poderia se perder por completo, pois poderia ser preso naquele instante. Entretanto, mais uma vez o soldado se sobressai e responde ao comandante que a carta representava o mal ou “coisa ruim”, que no caso seria como o sargento que o denunciou ao comandante. Pensando que em todo o cordel envolveu a religião poderíamos deduzir que essa carta Valetes representasse o sargento, também podemos inferir que o Diabo que seria uma carta ruim, o inimigo de Deus e por ser uma figura presente nas doutrinas da Igreja Católica.

Desfecho: momento que o comandante resolve a situação de Ricarte

*Disse o comandante a ele
Ricarte tu és passado
Tens vinte anos de praça
Foi muito tempo bem empregado
Vou te passar a sargento
E dou-te o soldo dobrado.*
(Gomes, data desconhecida, 8.)

Concluindo a história, Ricarte foi recompensado por sua esperteza e inteligência. Além de subir de cargo, esse cargo recebido o deixou no mesmo nível do sargento que o denunciou. Tanto no início do cordel quanto no final o autor ressalta Ricarte como velho, ou já tendo trabalhado muito, o que além de lhe oferecer experiência para sobressair ao desafio, o fazia merecer sua recompensa. E por fim, Ricarte recebeu uma renumeração em dobro, que era o que o fazia se envolver em jogos.

Os temas do folheto giram em torno da esperteza e religião. O poder da igreja católica sobre a sociedade é visivelmente representado no folheto, um reflexo da realidade de tempos atrás. Entre as imposições da igreja estava a de os soldados estarem presentes à missa e de fecharem até mesmo o comércio no horário da celebração. A missa no cordel é representada como sagrado. Também a jogatina era uma prática condenada pela Igreja e pelo Exército. O soldado relata através dos símbolos das cartas do seu baralho personagens bíblico e doutrinas católicas como a da Trindade.

4.2 Linguagem

Percebemos a marca do coloquial, linguagem simples apresentando um tom irônico nas suas representações das cartas do baralho com as práticas devocionais religiosas.

A comparação das cartas de baralho indica também o humor do poeta:

*Por exemplo: a carta de az
Que tem um ponto somente
Faz “recordar” que existe
Um só Deus onipotente
Quando chamamos por ele
O encontramos presente*

*Quando pego num dos dois
Ali premedito eu,
Que em duas tábuas de pedra
O Creador escreveu
Quando em sarças ardentes
A Moisés apareceu.*

(Gomes, data desconhecida, 5.)

Embora considere o jogo uma diversão, o poeta se utiliza do humor e ao mesmo tempo da sátira para criticar a sociedade quando esta se opõe à liberdade dos cidadãos, que nesse caso impõe a proibição dos jogos. O personagem demonstra esperteza para se sobressair do problema e desconstrói o discurso do jogo como prejudicial usar de ícones da Igreja como símbolos do jogo.

4.2 Metrificação

Sextilha: estrofe composta de seis versos. Sempre rimando a segunda estrofe com a quarta e a sexta.

O número de sílabas poéticas predominante no folheto é regular, apresentando versos de sete sílabas. Vejamos:

Ri /car /te /sol/da/do/velho
Com/trin /tan /nos /de /ta /rimba
A/on /dee/lea/cha /va/ jōgo
De / las/ qui /mê /ou/ma/ rimba
Di/zia / lo/ goeu/ vou/ ver
Agua/ na/mi/nha/ca/cimba

(Gomes, data desconhecida, 2.)

4.3 Outras observações:

O folheto apresenta caráter realístico por dialogar com a situação da sociedade da época em que provavelmente foi escrito, pois a imposição da Igreja não mais existe, sendo substituída pela liberdade religiosa. O espaço do folheto se dá na Igreja onde o soldado é obrigado a assistir a missa e na casa do comandante onde é indagado sobre seu crime e onde também é recompensado pelo mesmo.

5. Considerações Finais

Ao decorrer dessa pesquisa, podemos perceber o quanto o autor Leandro Gomes de Barros é influente ao que diz respeito a esse mundo literário popular, pois notamos o modo como ele defende os menos favorecidos, pois o autor em seus cordéis denuncia a forma como os pobres vivem, assim como a influência do Estado e da Igreja diante da classe desprovida.

Portanto concluímos que o autor utiliza-se durante todo o cordel de uma linguagem simples, ou seja, compreensível ao leitor e usa um tom crítico, satirizando o vínculo da Igreja com o Estado. Outro aspecto destacado é a astúcia do pobre, no caso o soldado jogador em criar saídas para se livrar de situações sociais adversas. Entre essas saídas está a comparação dos símbolos do baralho com as doutrinas da Igreja Católica, isso confere ao folheto o tom humorístico.

No entanto, deixamos claro que o cordel utilizado em nossa pesquisa ainda abrange outros aspectos que ainda poderão futuramente serem analisados em outra pesquisa, entretanto nos detemos apenas aos nossos objetivos.

Dessa forma, finalizamos essa pesquisa com o intuito de ter diagnosticado a forma com que o pobre vive e qual a conexão entre a Igreja e o Estado no contexto de produção do autor e como também a crítica que Leandro Gomes de Barros sempre aborda em seus cordéis.

Referências

- ABREU, Márcia. *História dos cordéis e folhetos*. Campinas. SP. Ed: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999; p. 73-108.
- AZZI, Riolando. *A neocristandade: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus, 1994.
- BARROS, de G. Leandro. *O soldado jogador e três quengos finos*. s/d
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Vaqueiros e Cantadores*. São Paulo: Global, 2005.
- CURRAN, Mark J. A sátira e a crítica social na literatura de cordel. In.: *Estudos da Literatura Popular em Verso*. (et.al) BATISTA Sebastião Nunes, DIÉGUES Manuel Jr., LAMAS Dulce Martins, NASCIMENTO Ariano Suassuna Bráulio do., QUEIRÓS Raquel de. Belo Horizonte: Editora da Universidade de São Paulo Fundação casa Rui Barbosa. 1986; p. 309-347.
- GOLDSTEIN, Norma Selter. *Versos, sons, ritmos*. 14ed. São Paulo: Ática, 2008.
- SEVERO, Ione. *Ensaio literários do popular ao erudito*. Joao Pessoa: ideia 2013; p.13-25
- SOUSA, Jessie Jane Vieira de. *Da transcendência à disciplina: a igreja católica e o mundo do trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002; p. 100.